



PAULA, Mayara Nicolau de; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. **Resenha de DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. (org.). *O sujeito em peças de teatro (1983-1992): estudo diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012. Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 14, Dezembro 2013. [http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br]**

DUARTE, MARIA EUGÊNIA LAMMOGLIA. (ORG.). O SUJEITO EM PEÇAS DE TEATRO (1983-1992): ESTUDO DIACRÔNICOS. SÃO PAULO: PARÁBOLA, 2012.

Mayara Nicolau de Paula¹

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória²

A obra *O Sujeito em peças de teatro* é a reunião de nove estudos diacrônicos que têm como base o *corpus* de peças teatrais brasileiras de caráter popular escritas entre 1833 e 1992. O livro é o resultado do trabalho da organizadora Maria Eugênia Lammoglia Duarte que desenvolve, desde os anos 90, sua pesquisa sobre temas relacionados ao sujeito referencial definido e o encaixamento desse tema em outros aspectos da sintaxe do PB. Os três primeiros capítulos apresentam trabalhos referentes aos sujeitos de 3ª pessoa; à representação das estratégias de indeterminação e aos sujeitos proposicionais. O capítulo quatro traz o trabalho sobre as sentenças existenciais no PB, seguido pelo capítulo que trata das construções com verbos de alçamento. No capítulo seis, a discussão gira em torno da ordem V-DP/DP-V com verbos inacusativos. O capítulo sete trata das construções com *se*, seguido pelos capítulos finais que tratam respectivamente das interrogativas Q clivadas e não clivadas e das construções de tópico marcado. Todos os trabalhos citados são guiados, de certa maneira, pela relação da hierarquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000) e a implementação do sujeito preenchido. Os capítulos, especialmente os três últimos, apontam também para a questão da mudança de gramática pelo qual passa o PB. As pesquisas adotam a perspectiva gerativa (Chomsky, 1981, 1995) como teoria linguística e a associam aos modelos de mudança da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]) ou ao modelo de Competição de Gramáticas proposto por Kroch (1989).

1. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro e bolsista do CNPq.

2. Professora da Universidade Federal de Alagoas.

No capítulo inicial, Maria Eugênia Lammoglia Duarte juntamente com os alunos de IC Gabriela Costa Mourão e Heitor Mendonça Santos revisitam Duarte (1993), com o objetivo de refinar a análise da representação dos sujeitos referenciais de 3ª pessoa. Para tanto, os autores não só ampliam a amostra de Duarte (1993), mantendo as características da amostra original, como também focalizam dois aspectos em especial, a saber, o padrão sentencial e a interação do traço semântico do sujeito associado à sua referencialidade [\pm humano] e [\pm específico], incluindo também na análise dos dados um grupo de fatores ligado ao tipo de verbo. Os resultados gerais indicam a relevância das variáveis padrão sentencial, traço semântico/referencial do referente, período de tempo e transitividade verbal, mostrando que o processo de mudança em direção ao pronome expresso de 3ª pessoa é fortemente influenciado, ao longo do tempo, pelos padrões sentenciais 3 e 4 – distância do antecedente e função distinta da de sujeito e pelo traço [+ humano] associado ao traço [+ específico].

Tomando por base o problema do encaixamento da mudança proposto por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), Amanda de Santana Campos Vargas, no capítulo dois, analisa como se dá a implementação de formas pronominais nominativas expressas para a representação dos sujeitos indeterminados, em detrimento do uso do *se* indefinido e do sujeito com o verbo na 3ª pessoa do plural. Com relação às sentenças finitas, as peças mais antigas revelam uma preferência pelo uso de *se* indefinido (indeterminador/apassivador) e da 3ª pessoa do plural, havendo, ao longo do tempo, a entrada de outras estratégias de indeterminação, a saber, *a gente*, *you*, *we*, e *zero*. Outro ponto a destacar é que sobe também o índice de sujeitos plenos, de 3% no período I para 58% no período VII. No que diz respeito às sentenças não finitas, há um predomínio do sujeito nulo, mas uma tendência ao preenchimento dos sujeitos arbitrários – *se*, *a gente* e *you*.

O capítulo três, escrito por Maria Eugênia Lammoglia Duarte e seus colaboradores Gabriela Costa Mourão e Luan de Sousa Guimarães, apresenta uma análise diacrônica em tempo real de longa duração dos sujeitos proposicionais, a fim de observar como a hierarquia referencial, proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), atua no caso dos sujeitos localizados num ponto intermediário do contínuo. A partir da análise dos dados, os autores mostram que há uma estabilidade no uso desses sujeitos, indicando que a representação dos sujeitos proposicionais não acompanha o movimento em relação ao preenchimento do sujeito, comportamento que pode ser sustentado pela menor referencialidade desses elementos, com o verbo *ser* atuando como um inibidor desse processo, resultado paralelo ao de Duarte (1995), que mostra ser justamente esse verbo o favorecedor do sujeito nulo referencial.

Juliana Marins, no capítulo quatro, trata das sentenças existenciais formadas com os verbos *haver*, *ter* e *existir*, além de apresentar uma breve análise das construções existenciais formadas com o verbo *ter* pessoal. De acordo com os dados apresentados, há, ao longo do tempo, um declínio no uso

de *haver* e um aumento no uso de *ter*, mostrando que as construções existenciais com *ter* aumentam juntamente com as construções com sujeitos plenos encontrados por Duarte (1993). O verbo *existir*, devido ao seu caráter existencial substantivo, conforme proposta de Avelar (2006), apresenta uma frequência de uso constante e baixa, ocorrendo em contextos mais marcados. A preferência por *ter* leva não só ao trânsito livre desse verbo seja qual for o traço do seu argumento interno, como também à preferência por sentenças existenciais que apresentam DPs plenos na posição estrutural de sujeito, sendo esses DPs extraídos de dentro de uma estrutura de adjunção.

Construções com verbos de alçamento que selecionam um complemento oracional é o tema abordado no capítulo cinco por Fernando Pimentel Henriques, que focaliza sua análise nos verbos *parecer*, *acabar*, *bastar*, *convir*, *custar*, *demorar*, *faltar* e *levar*, partindo do pressuposto de que “à medida que aumenta a frequência do sujeito pronominal expresso, as ocorrências de estruturas com o alçamento do DP sujeito da oração encaixada para a posição de [Spec, IP] da matriz serão mais recorrentes, acompanhado o padrão SV” (p. 110). No que diz respeito ao verbo *parecer*, analisado separadamente por apresentar uma maior variedade de construções, há uma preferência pelas construções sem alçamento, mas, no período VII, o alçamento de tópico é a estratégia mais frequente. Com relação aos demais verbos, a partir do século XX, há preferência pelo alçamento do DP sujeito da oração encaixada para a posição de [Spec, IP], confirmando que a mudança na marcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo deve ser responsável pelo uso dessas estratégias.

No capítulo seis, o tema da ordem verbo-sujeito nos inacusativos é muito bem discutido pelos autores Danielle de Rezende Santos e Humberto Soares da Silva que esperam encontrar uma redução na ordem V-DP, já que a posposição do DP está relacionada ao Parâmetro do Sujeito Nulo e é um traço de línguas *pro-drop*. Observa-se, no que diz respeito à ordem nos inacusativos, que a maioria dos verbos permanece estável e conserva a ordem V-DP. Os itens *morrer*, *nascer* e *envelhecer* são os que mostram mudanças na ordem do DP e passam a preferir a anteposição do argumento. Fica clara a existência de uma relação entre o traço de animacidade e a escolha da ordem do DP, tal traço semântico favorece a anteposição. Ao longo do tempo, os autores acompanham uma mudança nos fatores que influenciam na escolha da ordem V-DP/DP-V. Em fases iniciais, fatores discursivos (como status informacional) eram mais atuantes, mas esse quadro muda nos períodos mais recentes e os fatores sintáticos (como a definitude do DP) passam a ser mais relevantes. Essa maior atuação dos fatores sintáticos é considerada resultado do encaixamento da mudança na ordem V-DP/DP-V com a evolução da representação do sujeito.

O capítulo sete: *Novo olhar sobre as construções com se* de autoria de Sílvia Regina de Oliveira Cavalcante e Leonardo Lennertz Marcotulio apresenta um aparato teórico forte e focaliza a evolução

na gramática do português. Os autores utilizam resultados de Cavalcante (2011) para o PE e as peças brasileiras para o PB. O que norteia a discussão nesse capítulo é a hipótese de que existe uma diferença de padrão entre o DP das construções com *se* e os outros DPs que são sujeitos. Além disso, a concordância entre o DP que é argumento interno e o verbo das sentenças com *se* também é usada como evidência para comprovar que se tratam de duas gramáticas distintas. Por meio do modelo de competição de gramáticas (Kroch, 1989), os autores explicam o comportamento das construções com *se* indefinido no PB. A variação da concordância nessas estruturas está relacionada a um traço funcional F. A existência ou não desse traço na língua é o que define a presença ou ausência da concordância entre o DP e o verbo. Sendo assim, há duas gramáticas diferentes: uma com traço F ativo e outra sem esse traço F ativo na sintaxe. O PB atual exibe a última configuração, em que o traço F só é ativado por algum elemento que vem do léxico marcado com tal traço.

Seguindo a linha da competição entre duas gramáticas, o capítulo *A trajetória das interrogativas QU-clivadas e não clivadas no português brasileiro* de autoria de Diogo Pinheiro e Juliana Marins investiga o surgimento das interrogativas clivadas e clivadas reduzidas no PB e sua evolução. Os autores traçam um breve histórico que permite ao leitor acompanhar a evolução das estratégias de focalização. Eles afirmam que as primeiras ocorrências de interrogativa clivada surgem no século XIX corroborando os resultados de Duarte (1992). No geral, observa-se uma redução das interrogativas não clivadas e a introdução da clivada reduzida na segunda metade do século XX. A clivagem das interrogativas-Q está muito ligada ao tipo de sujeito (posição e preenchimento). Segundo os resultados, a sentença em contexto encaixado não favorecia muito a clivagem até o final do século XX quando tal restrição desaparece. Sentenças com sujeito nulo ainda figuram como contexto de restrição para a clivagem. Por fim, a relação entre clivagem e a mudança pela qual a língua passou fica explícita. O Português passa de uma sintaxe V2 para SVO e línguas como essa última usa a clivagem como um mecanismo de focalização.

As construções de tópico marcado em peças teatrais brasileiras dos séculos XIX e XX de autoria de Mônica Tavares Orsini encerra a obra e aponta a possibilidade de o PB ser uma língua que apresenta orientação para o discurso. A autora investiga detalhadamente os quatro tipos de construções de tópico ao longo do tempo. Cada uma das estratégias é bem descrita e exemplificada, bem como a hipótese que norteia o trabalho. Para a autora, a ocorrência ou não de determinadas construções de tópico está ligada as mudanças na marcação dos Parâmetros do Sujeito e do Objeto nulo. Dentre as quatro possibilidades de construção de tópico, a estratégia de topicalização foi a mais frequente na amostra. Orsini apresenta essa frequência como reflexo de um sistema que prefere manter seus objetos nulos. Já o aumento de estruturas de tópico sujeito reforça, na opinião da autora, a relação das CTs com o PSN. O PB não apresenta restrições em relação à natureza do elemento que ocupa a posição de tópico, o que

nos aproxima das línguas orientadas para o tópico na tipologia de Li e Thompson (1976) utilizada no trabalho. O trabalho corrobora resultados de estudos anteriores sobre o tema e contribui para uma melhor descrição do estatuto do PB no que diz respeito à tipologia de Li e Thompson.

A obra *O sujeito em peças de teatro* traz uma contribuição importante à descrição do sujeito no português brasileiro reunindo estudos que guardam uma estreita relação entre si. O volume permite que o leitor interessado no tema encontre leituras organizadas de maneira uniforme e respeitando um contínuo, que vai do [+ referencial] ao [- referencial], o que facilita o acompanhamento do processo de mudança. Os estudos colocados lado a lado reforçam a noção de que uma mudança não acontece de maneira isolada no sistema e confirmam que um mesmo parâmetro, no caso o Parâmetro do Sujeito Nulo, tem diversas propriedades, muitas delas sofrem alterações encaixadas no sistema do PB. Enfim, o livro constitui uma obra de referência para aqueles interessados na posição do sujeito sintático e nos possíveis efeitos colaterais da mudança, trazendo, assim, uma grande contribuição aos estudos linguísticos sobre o PB.